

## Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (2010). Da infância à ciência: língua e literatura (depoimento) in BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 36-38.

## ■ Da infância à ciência: língua e literatura

Luiz Carlos Travaglia

Ainda na infância, a literatura me encantou, me conquistou: as histórias com suas tramas, os poemas com sua musicalidade, seu uso especial da linguagem, todos com uma precisão e um concretizar de fatos e sentimentos que a intuição apenas adivinhava. Acho que foi isso que me fez amar a língua e esse amor me fez querer e decidir ser professor de Língua Portuguesa. Já quando estava na quarta série do ginásio (hoje nono ano do ensino fundamental) tinha certeza de que queria ser professor... de Língua Portuguesa.

Sempre achei fascinante o dizer, os modos de dizer e nisto os literatos são os mestres; por isso acredito ser a literatura a grande responsável de eu ser professor de Língua Portuguesa.

Quem, além de um poeta poderia chamar a nossa língua de *última flor do Lácio inculca e bela*? Quem, além de Bandeira, poderia *ir embora pra Pasárgada... uma outra civilização, para andar de bicicleta, montar em burro brabo, subir em pau de sebo e tomar banho de mar*? E as múltiplas e até então inexploradas *veredas* da língua trilhadas por Guimarães Rosa com toda sua inventividade, causando surpresas e até “sustos” nos leitores acostumados aos torneios usuais da linguagem?

Viajando por entre as palavras mágicas de poetas, contistas, romancistas, seguindo os *riscos dos bordados*, subindo em *máquinas extraviadas*, tentando decifrar os *claros enigmas* ou descobrir a *lição das coisas*, fui percorrendo os *caminhos e descaminhos* da linguagem.

Aos poucos cresceu no meu conhecimento a gramática e a seguir a linguística com todas as suas correntes e disciplinas. Aumentou assim o meu entusiasmo pelas possibilidades expressivas da língua, sua relação com os recursos linguísticos e seu funcionamento em textos resultantes de sujeitos, de ideologias, de atividades e esferas de ação do ser humano concretizando modos/formas e objetivos de ação em tipos gêneros e espécies de textos. Mas o que une tudo é a língua e suas possibilidades significativas na interação entre os seres, nos efeitos de sentido que concretizam o dizer.

O que torna essa língua literatura? Difícil de dizer. Muitos tentaram e tentam até hoje. Todavia todos somos unânimes em perceber (ou é só o meu ponto de vista?) que não é o recurso linguístico que se usa ou o quanto se usa de um ou

outro recurso, mas é o *engenho e arte* (o que é isso, Camões?), a beleza de dizer, numa espécie de magia, o que a alma sente, mas a boca ou a pena não dizem; o que a razão tenta esboçar, mas a que a ciência ainda não deu forma dizível.

Por isso a literatura é a porta de entrada e percepção de que a língua tem uma magia: a de dar forma e existência ao que sentimos e somos, ao que as relações grupais são, ao que e como o Universo é, os universos são.

Parece-me, pois, que primeiro a literatura nos faz sentir o que a língua é e pode, e, só depois, a gramática e a linguística nos possibilitam saber o que e como a língua é e o que ela pode.

Como, ser professor de Língua Portuguesa, gramático, linguista sem conhecer, explorar esse universo linguístico em perene ebulição chamado literatura?

A literatura concentra, converge, encontra possibilidades expressivas presentes na língua em todas as suas variedades escritas e orais. Além disso, explora possibilidades expressivas potenciais e seus efeitos. Retira da cartola em seu espetáculo mágico usos possíveis, mas nunca utilizados. Por essa característica, foi sempre campo de colheita farta para os estudos linguísticos. Mesmo atualmente, quando esses estudos linguísticos se acostumaram a observar, descrever e explicar os recursos da língua e seus usos nas variedades orais e escritas não literárias (como na imprensa falada e escrita, nos documentos orais e em todos os gêneros de todas as esferas de ação social ou comunidades discursivas), parece que a literatura continua a *Senhora* que nos mostra e aponta a magia da língua.

Pode-se até ser linguista sem um olhar para a literatura, mas ela nos dá sempre algo de novo, de criativo, de inusitado, que não teríamos sem sua presença. Tenho observado nas conferências, mesas redondas, comunicações e outras apresentações nos eventos acadêmico-científicos nas áreas de Letras e Linguística que há um interesse, uma vibração diferente quando usamos exemplos da literatura. Quero acreditar que é sempre aquele poder impressivo de sedução que despertou meu interesse pela língua e depois pelo seu estudo. É o fazer-nos sentir, perceber, entender que a língua é uma mágica que a humanidade criou talvez no curso de centenas de milhares ou de milhões de anos. Mágica que fez essa humanidade ser humanidade, diferenciando-se entre os animais, que a fez alçar-se dos pântanos e planícies às estrelas, que a fez sair das cavernas e habitar palácios, que lhe deu memória, que lhe deu espírito.

É por esse espírito que acredito que ser linguista ou gramático, ser professor de Língua Portuguesa tem mais brilho, mais sabor, mais verdade, mais possibilidade quando se acredita, mais ainda, quando se sabe que língua e literatura

são uma só coisa e que a segunda é a primeira transformada em arte, que a literatura é o que há de mais livre, mais forte e, por que não dizer, de mais belo de tudo o que se pode fazer com a língua.

Gostaria de terminar evocando um poema de Adélia Prado, que me transporta para minha infância de filho de ferroviário, vizinho da linha do trem e dos livros de literatura, onde tudo começou:

*Explicação de poesia sem ninguém pedir*

Um trem de ferro é uma coisa mecânica,  
mas atravessa a noite, a madrugada, o dia,  
atravessou minha vida,  
virou só sentimento.<sup>32</sup>

## NOTAS

- <sup>1</sup> B. Brait (org.), *Bakhtin e o Círculo*, São Paulo, Contexto, 2009.
- <sup>2</sup> R. Barthes, "Um bellissimo presente", em *O rumor da língua*, trad. Mário Laranjeiras, São Paulo, Martins Fontes, 2004, pp. 204-5 [parte IV: O amante de signos].
- <sup>3</sup> B. Brait (org.), *Bakhtin, dialogismo e polifonia*, São Paulo, Contexto, 2009.
- <sup>4</sup> R. Jakobson e K. Pomorska, *Diálogos*, trad. Elisa A. Kossovitch, São Paulo, Cultrix, 1985.
- <sup>5</sup> Idem, p. 19.
- <sup>6</sup> Número 12, pp. 36-7.
- <sup>7</sup> Jakobson e Pomorska, op. cit., p. 68.
- <sup>8</sup> Idem, p. 72.
- <sup>9</sup> Idem, p. 76.
- <sup>10</sup> B. Brait, "Análise e teoria do discurso", em *Bakhtin: outros conceitos-chave*, São Paulo, Contexto, 2006, pp. 9-31.
- <sup>11</sup> Não discutirei aqui a questão dos textos disputados, ou seja, das assinaturas simples ou duplas. Lembro apenas que Voloshinov, assim como os demais membros do Círculo, existiram e produziram textos de diferentes naturezas, com individualidade, mas reiterando temas que construíram o que se chama hoje "pensamento bakhtiniano".
- <sup>12</sup> V. N. Vološinov, "Che cos'è il linguaggio?", em V. N. Vološinov, *Il linguaggio come pratica sociale*, a cura di Augusto Ponzio, Bari, Dedalo, 1980, pp. 61-94; V. N. Vološinov, "What is language?", em A. Shukman (ed.), *Bakhtin School Papers. Russian Poetics Translation*, trad. Noel Owen, Somerton, Old School House, 1983, v. 10, pp. 93-113; V. N. Vološinov, e M. Bajtín, "Qué es el lenguaje?", em A. Silvestre G. Blanck (orgs.), *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*, Barcelona, Antrhropos, 1993, pp. 217-43.
- <sup>13</sup> As versões para o português foram todas feitas por mim, contrastando as edições consultadas.
- <sup>14</sup> Vološinov, 1993, op. cit., p. 218.
- <sup>15</sup> Idem, p. 220.
- <sup>16</sup> Idem, p. 240.
- <sup>17</sup> V. N. Vološinov, "La costruzione dell'enunciazione", em V. N. Vološinov, *Il linguaggio come pratica sociale*, a cura di Augusto Ponzio, Bari, Dedalo, 1980, pp. 95-134; V. N. Voloshinov, v. n. e M. Bakhtine, "La structure de l'énoncé", em T. Todorov, *Mikhail Bakhtine le principe dialogique, suivi de Écrits du Cercle de Bakhtin*, Paris, Du Seuil, 1981, pp. 287-315; V. N. Vološinov, "The construction of the Utterance", em A. Shukman (ed.), *Bakhtin School Papers. Russian Poetics Translation*, trad. Noel Owen, Somerton, Old School House, 1983, v. 10, pp. 114-38; V. N. Voloshinov e M. Bajtín "La construcción de la enunciaci3n", em A. Silvestri e G. Blanck, *Bajtín y Vigotski: la organizaci3n semi3tica de la conciencia*, Barcelona, Antrhropos, 1993, pp. 245-76.
- <sup>18</sup> V. N. Vološinov, "La parola e la sua funzione sociale", em V. N. Vološinov, *Il linguaggio come pratica sociale*, a cura di Augusto Ponzio, Bari, Dedalo, 1980, pp. 135-64; V. N. VOLOSHINOV, "The word and its social function", em A. SHUKMAN (ed.), *Bakhtin School Papers. Russian Poetics Translation*, trad. Joe Andrew, Somerton, Old School House, 1983, v. 10, pp. 139-52.

- <sup>19</sup> N. GOGOL, *Almas mortas*, trad. Tatiana Belinky, São Paulo, Perspectiva, 2008.
- <sup>20</sup> B. Schnaiderman, apud Gogol, 2008.
- <sup>21</sup> Voloshinov, 1993, op. cit., p. 245.
- <sup>22</sup> Idem.
- <sup>23</sup> Idem, p. 246.
- <sup>24</sup> Idem, p. 264.
- <sup>25</sup> Gogol, op. cit., pp. 81-2.
- <sup>26</sup> Idem, pp. 157-8.
- <sup>27</sup> Voloshinov, 1993, op. cit., p. 266.
- <sup>28</sup> GOGOL, op. cit., pp. 332-3.
- <sup>29</sup> José Alencar, *Sonhos d'ouro*, 7. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1977, p. 168; Carlos Drummond de Andrade "Suas cartas", em *Poesia completa e prosa – Confissões de Minas*, 4 ed., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1977.
- <sup>30</sup> Esse livro não tem tradução em português, foi escrito em francês no original, embora o autor seja americano. Trata das reações do autor quando colocado em contato com as sonoridades de sua língua materna – o inglês – sobretudo, quando se defronta com a voz de sua mãe.
- <sup>31</sup> Louis Wolfson, *Le schizo et les langues*, Paris, Gallimard, 1970, p. 245.
- <sup>32</sup> Adélia Prado, *Poesia reunida*, São Paulo, Siciliano, 1991, p. 48.

## BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, José de (1872/1977). *Sonhos d'ouro*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Suas cartas. Poesia completa e prosa – Confissões de Minas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1977.
- BARTHES, R. Um belíssimo presente. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeiras. São Paulo: Martins Fontes, 2004. pp. 204-5 [parte iv: O amante de signos].
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 9-31.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. (org.) *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GOGOL, N. *Almas mortas*. Trad. Tatiana Belinky. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- JAKOBSON, R.; POMORSKA, K. *Diálogos*. Trad. Elisa A. Kossovitch. São Paulo: Cultrix, 1985.
- PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.
- VOLOŠINOV, V. N. Che cos'è il linguaggio? In: VOLOŠINOV, V. N. *Il linguaggio come pratica sociale*. A cura di Augusto Ponzio. Bari: Dedalo, 1980, pp. 61-94.
- \_\_\_\_\_. What is language? In: SHUKMAN, A. (ed.). *Bakhtin School papers. Russian Poetics Translation*. Trad. Noel Owen. Somerton: Old School House, 1983, v. 10, pp. 93-113.
- \_\_\_\_\_. La costruzione dell'enunciazione. In: VOLOŠINOV, V. N. *Il linguaggio come pratica sociale*. A cura di Augusto Ponzio. Bari: Dedalo, 1980, pp. 95-134.
- \_\_\_\_\_. The construction of the Utterance. In: SHUKMAN, A. (ed.). *Bakhtin School Papers. Russian Poetics Translation*. Trad. Noel Owen. Somerton: Old School House, 1983, v. 10, pp. 114-38.
- \_\_\_\_\_; BAJTÍN, M. Qué es el lenguaje?. In: SILVESTRI, A.; BLANCK, G. (org.). *Bajtín y Vigotski: la organización semiótica de la conciencia*. Barcelona: Anthropos, 1993, pp. 217-43.
- \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. *Mikhail Bakhtine le principe dialogique, suivi de Écrits Cercle de Bakhtin*. Paris: Du Seuil, 1981, pp. 287-315.